

Uma luz no final do túnel do conhecimento: a chegada da terapia ocupacional na cidade de São Paulo

Maria Auxiliadora Cursino Ferrari

Professora Aposentada da Universidade de São Paulo e do Centro Universitário São Camilo – CUSC,
Professora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Bioética do
Centro Universitário São Camilo – CUSC, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Relato a minha trajetória acadêmica e profissional, marcada pela chegada da terapia ocupacional na cidade de São Paulo. Os fatos revelam os desafios enfrentados em vários momentos e em diferentes períodos dessa história. Formada em Pedagogia, desejava trabalhar e continuar estudando. Com a divulgação de um curso de Terapia Ocupacional no Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, interessei-me e conheci a Terapia Ocupacional que, em São Paulo, era chamada de Laborterapia. Isso aconteceu face às consequências da epidemia de poliomielite na década de 1950, cujo cuidado diferenciado aos pacientes era uma emergência, não contando entretanto com profissionais especializados para a sua reabilitação. Com isso, vieram dos Estados Unidos técnicos de reabilitação, inclusive o terapeuta ocupacional, formando profissionais no país. O Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo abriu o primeiro curso de Terapia Ocupacional, com duração de dois anos. Ingressei já na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde permaneci por 32 anos como docente. Carreguei fatos que marcaram minha vida profissional, sempre lutando pelo desenvolvimento da Terapia Ocupacional. Em 1997, me aposentei e fui, a convite dos camilianos, abrir o curso de terapia ocupacional no Centro Universitário São Camilo, onde atuei como coordenadora por 14 anos, até 2011. Dali ingressei no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Bioética do Centro Universitário São Camilo. O relato da minha trajetória traz, de forma articulada, a história do início da Terapia Ocupacional no Estado de São Paulo.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional, História/Terapia Ocupacional, Pesquisa, Gerontologia, Reabilitação.*

A light at the end of the tunnel of knowledge: the arrival of occupational therapy in the city of Sao Paulo

Abstract: In this article, I recite the beginning of my academic and professional trajectory, which was marked by the arrival of Occupational Therapy in São Paulo. The facts reveal the challenges faced in different moments of this history. When I majored in pedagogy, I wished to work and keep on studying. When the occupational therapy course was implemented at the Faculty of Medicine of University of São Paulo, I became interested and enrolled in the course. Occupational Therapy was then known as Labor Therapy. This fact occurred as a consequence of a poliomyelitis outbreak in 1950. The special treatment required by those patients became an emergency; however, there were no specialized professionals to aid in the rehabilitation of those patients. As a result, some specialized professionals, including occupational therapists, came from the United States of America to teach in Brazil. The Rehabilitation Institute of the Faculty of Medicine, University of São Paulo opened the first Occupational Therapy course, taught in two years. Later, I started working as an OT teacher at the Faculty of Medicine of the University of São Paulo, where I remained for 32 years. Some facts have marked my professional life, during which I have

always fought for the development of Occupational Therapy. In 1997, I retired and was invited by the Camillian priests to implement the Occupational Therapy course at 'Sao Camilo' University, where I worked as a coordinator for 14 years. After that, I joined the Graduate Studies Program in Bioethics at the same university. The report of my professional trajectory tells the history of the occupational therapy in the state of Sao Paulo.

Keywords: *Occupational Therapy, Occupational Therapy/History, Research, Gerontology, Rehabilitation.*

1 Apresentação

Para iniciar minha trajetória gostaria de destacar que esse relato é bastante subjetivo, mas muito verdadeiro porque vivi todas as situações nele contidas. Dois fatos básicos:

- Casada e com filhos e com diploma de Bacharel e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sentia muita vontade de continuar estudando e também de trabalhar;
- Na década de 1950 passamos por uma epidemia de poliomielite e o cuidado diferenciado a esses pacientes era uma emergência, mas não existiam nessa época profissionais especializados ou com formação para atendimento em reabilitação.

Eram instituições de referência na época: o Instituto de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Associação Brasileira de Reabilitação do Rio de Janeiro e o Instituto de Reabilitação de Salvador.

Para a formação médica, foram enviados médicos brasileiros para o exterior para que se especializassem na área de Reabilitação. Para a formação paramédica (como eram designados os profissionais não médicos), técnicos na área vieram dos Estados Unidos para o Instituto de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, como parte de um projeto estabelecido para esse fim. Entre eles: fisioterapeuta, técnico em órteses, protético, assistente social, técnico em locomoção de cegos e terapeuta ocupacional.

A Terapia Ocupacional não era conhecida com esse nome, mas sim como Laborterapia. No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, especificamente na Ortopedia, já existia a Laborterapia, em que os pacientes com deficiência física participavam realizando atividades diversas que se caracterizavam como benefícios a eles. Também na Psiquiatria a Laborterapia era reconhecida como uma das práticas adequadas para a cura de determinados transtornos psiquiátricos.

A formação em Terapia Ocupacional foi dada por Elizabeth Eagles, uma profissional norte-americana que ministrou um curso breve sobre Fundamentos da Terapia Ocupacional no Instituto de Reabilitação e Ortopedia do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Foi feita então a divulgação desse curso e a solicitação de inscrição de alunos que quisessem fazê-lo e eu me inscrevi.

Mesmo necessitando de alunos, pois ninguém sabia o que era Terapia Ocupacional, houve uma seleção bem rigorosa. Tínhamos que passar pela seleção feita pela psicóloga Matilde Neder, do Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que aplicava o Teste de Rochard. Fui uma das aprovadas nessa seleção e fiz o curso de Terapia Ocupacional.

Criou-se no Instituto de Reabilitação, após a volta da Elizabeth Eagles para os Estados Unidos, um curso de Terapia Ocupacional de nível técnico, com formação em dois anos. As aulas de Psicologia eram ministradas por Matilde Neder, as disciplinas clínicas e de Anatomia, por médicos da Faculdade de Medicina e a disciplina de Reabilitação, pelos médicos dr. Louzã e dr. Taliberti, ambos do Instituto de Reabilitação. Concluí o curso em 11/12/1965.

Com a necessidade de ter um profissional de Terapia Ocupacional nos cursos subsequentes, fui convidada a integrar o quadro de profissionais do Instituto de Reabilitação, uma vez que já possuía na ocasião o curso de Pedagogia, pois havia uma exigência de que o profissional tivesse nível superior. Com isso, pude então ingressar no Instituto de Reabilitação como professora de Terapia Ocupacional, na vaga deixada pela assistente social Rosa Gravinia.

Foi um grande desafio. As dificuldades eram muitas: não havia nada sobre o assunto nem mesmo a possibilidade de contratar mais profissionais de Terapia Ocupacional.

O Instituto de Reabilitação passou então a ter, além da função assistencial, que visava à reabilitação de pessoas com incapacidades físicas, uma outra função, a de ensino com diferentes cursos técnicos: Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Próteses e

Órteses e Locomoção de Cegos, para a formação de profissionais em Reabilitação. Fazia parte da equipe de profissionais da Reabilitação o orientador profissional Romeu Sasaki.

Fato importante aconteceu. Estávamos em março de 1974 quando recebi a notícia de que a Organização Mundial de Saúde e o Fundo Mundial de Reabilitação anunciavam um curso para terapeutas ocupacionais pós-graduados, a ser realizado no Centro Médico da Universidade de Nova York, com início em 17 de junho 1974. Nessa ocasião era diretor da Faculdade de Medicina o professor dr. Paulo de Almeida Toledo, que indicou meu nome para participar desse curso e receber essa bolsa. O Fundo Mundial de Reabilitação dava bolsas completas que incluíam moradia, alimentação e transporte local para as diversas atividades do curso. A Organização Panamericana da Saúde contribuía com os gastos de viagem.

Era o primeiro curso de pós-graduação para terapeutas ocupacionais latinoamericanas. O conteúdo do curso abarcava a reabilitação com foco na reabilitação vocacional (REILLY, 1960; MACDONALD et al., 1972). Tivemos aulas sobre: aspectos psicológicos de reabilitação, avaliação psicológica, programas de reabilitação nos Estados Unidos, funções de serviço social em reabilitação vocacional, treinamento do incapacitado físico para manejo de automóvel, técnicas de avaliação em Terapia Ocupacional, Terapia Ocupacional Funcional, Terapia Ocupacional Pré-vocacional, tratamento de amputados de membro superior, próteses e órteses, tendências presentes e futuras da Terapia Ocupacional nos Estados Unidos da América.

As visitas feitas a diversas instituições de reabilitação me motivaram bastante para lutar pela Terapia Ocupacional em São Paulo. Comecei então a conhecer mais a Terapia Ocupacional, pois tive oportunidade de conviver por um mês com terapeutas ocupacionais já com vivência e experiência da profissão. Terminado o curso voltei ao Instituto de Reabilitação com poucas possibilidades de discutir o que aprendera e sua aplicabilidade naquele momento.

Nessa época ocorreu uma reforma universitária na Universidade de São Paulo que acarretou na extinção da função assistencial do Instituto de Reabilitação e Ortopedia do Hospital das Clínicas. A partir daquele momento, ele ficou apenas com a função de ensino.

Extinta a instituição, os cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional passaram para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e, então, comecei a trabalhar como Auxiliar de Ensino MS-1.

Com isso, o desafio era o ingresso na carreira docente, através de concurso público. Pela resolução 722 de 21/07/1975 e pela resolução 630 de 17/04/75 foi aberto edital para inscrição ao concurso de Professor Assistente MS-2 para atuar em vários departamentos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Na ocasião estávamos alocados no Departamento de Clínica. O concurso era para a Disciplina de Terapia Ocupacional. Prestei o concurso no período de 10 a 16 de fevereiro de 1976, atendendo todas suas exigências, que eram praticamente as mesmas de hoje. A comissão julgadora foi composta por três professores e o Conselho do Departamento propunha dois suplentes, um do departamento e um externo. Fui habilitada e indicada para ocupar uma vaga de Professor Assistente MS-2 tendo como Comissão Julgadora os professores: Eduardo Marcondes, Wilson Cossermelli e Erasmo Magalhães Castro Tolosa (*Diário Oficial do Estado de São Paulo* de 24/02/1976).

Após conclusão do doutorado, em 1981, continuei como Professora Assistente Doutora MS-3.

2 Vivência acadêmica na Universidade de São Paulo

Trinta e dois anos marcaram minha vida na Universidade de São Paulo. Quando iniciei a jornada parecia não ser muito difícil trilhar esse caminho, mas encontrei muitas pedras a serem removidas.

A primeira foi em relação à carreira docente na Universidade de São Paulo, que dependia do professor estar engajado em pesquisa e produção científica, o que significava fazer mestrado e doutorado. Para o mestrado tínhamos (todos os professores) que escolher um departamento que tivesse um programa de mestrado o mais compatível possível com nossos anseios entre as diversas unidades existentes na Universidade de São Paulo. Encontrei na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no Departamento de Educação, o que estava procurando: me inscrevi no Mestrado em Educação e Saúde Pública. Paralelamente fiz o curso de Especialização em Saúde Pública e Educação, com a Dra. Ruth Sandoval Marcondes, que foi minha orientadora. Concluí o mestrado com a apresentação da dissertação "Geriatrics: Aspectos educacionais e de Terapia Ocupacional" (FERRARI, 1975). Alguns referenciais foram importantes: Beauvoir (1970), Bromley (1966), Cogwill e Baulch (1962), Delargy (1967), Dumazedier (1973), Filer e O'Connell (1964), Greenberf (1953), Maddox (1963) e Palmore (1968). Nesse trabalho, investiguei as características

biopsicossociais de pessoas em idade avançada, bem como seus problemas de marginalização, abandono e isolamento. Enfatizava a contribuição da Terapia Ocupacional e da Educação em Saúde para minimizar esses problemas, chamando a atenção para os aspectos que deveriam ser considerados no planejamento de programas de atendimento ao idoso. O estudo delimitou-se a população idosa do município de São Paulo.

Realizei estágio especializado (obrigatório) em entidades de assistência geriátrica no período de fevereiro, março e abril de 1974, com aproveitamento excelente, num total de 360 horas (= 30 créditos). Sentia-me mais confortável e com algum suporte em Terapia Ocupacional, considerando o que já tinha feito em diferentes momentos: o curso de Elizabeth Eagles, o curso de nível técnico de dois anos alocado no Instituto de Reabilitação e o curso para terapeutas ocupacionais de um mês nos Estados Unidos.

Estávamos no ano de 1976, final de meu mestrado em Saúde Pública e Educação. Paralelamente às atividades do mestrado era responsável por várias disciplinas do Curso de Terapia Ocupacional, além de atividades como coordenadora do curso.

Fui integrante da Comissão de Ensino da Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, constituída em 1981 pelos professores: Lamartine – presidente, Fusco, Louzã, Claudio Carvalho, Maria Auxiliadora C. Ferrari (terapeuta ocupacional) e Hermínia Martins (fisioterapeuta). Em 1989, essa Comissão foi substituída e constituída outra pelo então diretor da Faculdade de Medicina. Os cursos migravam nos departamentos da Faculdade de Medicina, de acordo com o diretor eleito para a faculdade, razão pela qual sempre que mudava o diretor, mudávamos de departamento. A nova Comissão de Ensino da Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional ficou constituída por dois docentes da Fisioterapia, dois da Fonoaudiologia e dois da Terapia Ocupacional, que eram Maria Auxiliadora Cursino Ferrari e Elisabete Ferreira Mângia, além do presidente.

Em 1984, o diretor prof. Silvano Raia criou um grupo de trabalho tendo como presidente o Prof. Eduardo Marcondes e, com esse último, o curso começou a lutar pela sua independência.

Nessa ocasião eu já possuía o título de doutora em Saúde Pública, também na área de Geriatria e Gerontologia, com a defesa de tese intitulada: “Idade Avançada: Nova Preocupação da Saúde Pública” (FERRARI, 1981). O tema foi considerado atual e oportuno e avaliamos as necessidades de pessoas

de 60 anos e mais. O foco era a manutenção do idoso tanto quanto possível no domicílio, criando e apontando soluções para minimizar o envelhecimento patológico ou preveni-lo. O projeto desenvolvido visava à criação de um Centro de Convivência de Idosos e o mesmo foi criado no MOPI – Movimento Pró-Idosos. Nesse centro, os idosos realizavam diferentes atividades de lazer, atividades criativas e outras. Também recebiam informações e orientações sobre o processo do envelhecimento. Esse centro foi um dos primeiros no gênero: seu prédio foi cedido pela Prefeitura de São Paulo no mandato do governo de Mário Covas, e está funcionando até hoje. O empenho era desenvolver um novo campo de ação para o terapeuta ocupacional: a Geriatria e a Gerontologia. O resultado do projeto citado anteriormente vem cada vez mais surtindo efeitos positivos.

O período de pós-doutorado foi o mais oportuno para o desenvolvimento do campo da Geriatria e Gerontologia. O plano envolvia o conhecimento da pessoa idosa, em seus vários aspectos: saudável, com doença crônica, com demência, por exemplo, com Alzheimer e com o idoso institucionalizado.

No ensino, a disciplina de Terapia Ocupacional em Geriatria e Gerontologia foi incluída na matriz curricular do curso e tinha como conteúdo Fundamentos da Terapia Ocupacional, Aspectos biopsicossociais do envelhecimento, Doenças mais frequentes do processo do envelhecimento, Avaliação funcional e Conceito de Geriatria e Gerontologia. A disciplina era ministrada para os alunos do terceiro ano do curso de graduação, com o código MCM 229. A prática era feita por alunos do quarto ano, no estágio no ambulatório de Neurologia e/ou de Geriatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Fizemos nesse período uma pesquisa com cuidadores familiares de Alzheimer. Para a parte prática dos cuidados em atividades da vida diária – AVDs, utilizávamos o laboratório da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Nesse laboratório tínhamos uma enfermeira que fazia orientação sobre os cuidados básicos para facilitar a vida cotidiana tanto da pessoa com Alzheimer como do seu familiar cuidador. Resumindo, a pesquisa consistia em formar um grupo de cuidadores familiares de pessoas com Alzheimer com os quais fazíamos uma entrevista inicial, depois eles respondiam a um questionário e durante seis meses participavam uma vez por semana de uma reunião onde recebiam informações sobre a doença, participavam de uma atividade corporal

de relaxamento e trocavam experiências com outros componentes do grupo.

Dávamos com frequência cursos para cuidadores familiares de Alzheimer que incluíam: identificação de rede de suporte social: vizinhos, amigos, outros (NYSTRON, 1974); conhecimento da doença e estratégias para prevenir e controlar comportamentos difíceis (ORONA, 1990); planejamento de atividades adaptadas e flexíveis ao nível de função da pessoa com Alzheimer. O cuidado com pacientes de Alzheimer foi também desenvolvido nesse período graças aos estudos e pesquisas realizados pelo Departamento de Neurologia, que dava todo o suporte necessário para o trabalho.

No ambulatório de Geriatria participamos com vários profissionais de diferentes qualificações da criação e desenvolvimento do Projeto GAMIA: Grupo de Atendimento ao Idoso Ambulatorial, existente até hoje e que apresenta muita procura pelos idosos – seus objetivos preventivo e educativo têm tido bastante sucesso.

Estávamos em 1991 e apesar de já haver vários estudos sobre o envelhecimento, o interesse nessa área ainda estava longe do que poderia ser. Não sabíamos em que condições viviam os idosos, principalmente as relacionadas com a saúde e o bem-estar do idoso brasileiro (LESER, 1975), e queríamos fazer uma pesquisa sobre essas condições, incluindo os aspectos socioeconômicos, tendo em vista a formulação de uma política pública de atendimento. Porém, considerando a extensão territorial do Brasil (8.500.000 km²), sua população, na época, segundo o IBGE, superior a 130 milhões de pessoas, e a grande discrepância de expectativa de vida no país, que variava conforme as regiões e os extratos socioeconômicos, era impossível delinear-se naquele momento o perfil do idoso brasileiro. Após algumas reuniões, resolvemos fazer um levantamento de algumas condições de vida da população maior de 60 anos moradora das sedes das regiões metropolitanas do Brasil e da capital federal. Fomos financiados pela Sandoz e a pesquisa resultou em livro de mesmo nome, publicado no final de 1991 (FERRARI et al., 1991).

Criamos um Curso de Especialização em Gerontologia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, aberto a diferentes profissionais, ministrado por vários anos e com alunos vindos de diferentes estados e regiões do país.

A Terapia Ocupacional não engatinhava mais, aliás, desculpem-me, “já galopava”, os professores do curso foram aos poucos e cada vez mais envolvendo-se em suas pesquisas e em seus projetos sociais,

interdisciplinares, defendendo seus mestrados e doutorados.

Participei e participei ainda de bancas de mestrado e doutorado de muitos professores terapeutas ocupacionais da unidade e de fora dela. Uma das últimas bancas de doutorado em que estive foi do terapeuta ocupacional Daniel Marinho Cezar da Cruz, hoje doutor em Educação Especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, com o título: “Papéis Ocupacionais e Pessoas com Deficiências Físicas: independência, tecnologia assistiva e poder aquisitivo” (CRUZ, 2012).

Após 32 anos de Universidade de São Paulo me aposentei e fui, a convite dos Camilianos, abrir o curso de Terapia Ocupacional no Centro Universitário São Camilo – SP, onde permaneci por 15 anos.

2.1 Ações acadêmicas

Participei, de 1990 a 2001, como membro consultivo da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade de São Paulo. Também atuei como membro representante da categoria MS-3 na congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), de 1990 a 1993; integrei o comitê da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES para seleção dos candidatos a bolsa de estudos no exterior para o ano acadêmico de 1995; fui membro do Conselho Estadual do Idoso de 1989 a 1992; e segunda vice-presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia de 1983 a 1986.

Tive participações em diferentes tipos de bancas, como algumas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado em: Terapia Ocupacional, Bioética, Enfermagem, Psicologia, Educação, Serviço Social, Educação e Fisioterapia (essa diversidade de áreas se dava porque o foco das pesquisas era na maioria das vezes ligado à Gerontologia).

As bancas de concursos públicos: seleção de aprimorandos do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo – FUNDAP, nos anos de 1989 a 1992; seleção de candidatos para contratação de professor MS-1 (Auxiliar de Ensino) para terapeutas ocupacionais nos anos de: 1982, 1989, 1996 – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; seleção interna da carreira docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) – 1995; contratação de terapeuta ocupacional – Hospital Emílio Ribas – 1992; contratação de terapeuta ocupacional – Prefeitura Municipal de São Paulo,

nos anos de 1992 a 2004; seleção de docentes de Terapia Ocupacional para a Faculdade de Ciências Médicas – PUC-Campinas – 1989; preenchimento de vaga para cargo de terapeuta ocupacional da Secretaria da Administração do Estado da Bahia – 1988; prova de título de especialista em Gerontologia – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBBG – nos anos de 1992 e 1997.

Atuei como orientadora de diversos trabalhos de conclusão de curso (TCC), especialização, mestrado e doutorado. Lembro-me da primeira orientanda de mestrado que tive, a terapeuta ocupacional Eneida Mioshi, que apresentou sua dissertação em 2003, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com o título: “Proposta de Sistematização de Critérios de Avaliação e Matriz de Raciocínio Clínico em Terapia Ocupacional”, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Universidade de São Paulo (MIOSHI, 2003).

Em 1997 me aposentei da Universidade de São Paulo e nessa ocasião fiz minha despedida com os professores. Ouvi da professora doutora Elisabete Ferreira Mângia uma mensagem que me comoveu bastante:

“[...] pioneira a aventurar-se na carreira docente, possibilitando a constituição da Terapia Ocupacional como área de formação universitária com todas as implicações daí decorrentes”. Obrigada, Bete.

Hoje, com meus 80 anos, é muito emocionante para mim lembrar dos anos que passei na Universidade de São Paulo, de tudo que aprendi e que me facilitou concordar em ir novamente me aventurar na abertura de um curso de Terapia Ocupacional em uma instituição de ensino superior privada. Mas continuo vinculada à Universidade de São Paulo, recebo em casa semanalmente o *Jornal da Universidade São Paulo* e convites para diversos eventos, além de acompanhar com satisfação os caminhos que meus alunos, hoje professores doutores e alguns professores titulares, trilham através de suas pesquisas e de seus livros publicados.

3 A Terapia Ocupacional no Centro Universitário São Camilo

Em 1997 fui convidada a implantar o Curso de Terapia Ocupacional no Centro Universitário São Camilo. Na ocasião, vários outros cursos também foram implantados, como Fisioterapia, Farmácia e

outros. Sua tradição em saúde e visão humanística foram essenciais para que eu aceitasse o convite.

Para a elaboração do projeto pedagógico convidei outras terapeutas ocupacionais que me ajudaram a construí-lo, além da experiência acumulada na Universidade de São Paulo. O curso de Terapia Ocupacional foi autorizado em 17/12/1997 pelo Centro Universitário São Camilo e recebeu sua primeira turma em 1998, no Campus Ipiranga, São Paulo, SP.

Nossa preocupação maior era com a qualidade de ensino. Era um novo desafio a enfrentar, embora as condições fossem outras, bem diferentes daquelas por que passei quando da implantação da Terapia Ocupacional na Universidade de São Paulo. Já existiam vários cursos de graduação em Terapia Ocupacional em várias universidades do Brasil, mas na cidade de São Paulo (capital), o Centro Universitário São Camilo foi a primeira instituição de ensino superior privada a abrir o curso de graduação.

Quando o Ministério da Educação e Cultura (MEC), pela resolução CNE/CES de 2002, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Terapia Ocupacional, pudemos avaliar que essas diretrizes já eram atendidas pela matriz curricular do curso. Em 2003, o curso foi reconhecido através da portaria 1.916, publicada no DOU em 17/07/2003.

Face aos avanços científicos e tecnológicos, o projeto pedagógico do curso sofreu mudanças no sentido de melhor se enquadrar na realidade do século XXI. Foram mudanças que visavam superar a fragmentação do conhecimento, apresentando possibilidades e trocas de integrações entre as diversas disciplinas e os diversos cursos do Centro Universitário São Camilo. A matriz curricular do curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário São Camilo hoje apresenta quatro eixos teóricos e dois específicos: eixo das Ciências Biológicas, eixo das Ciências Humanas e Sociais, eixo dos Fundamentos e Instrumentos Terapêuticos da Terapia Ocupacional e eixo dos Campos e Procedimentos da Terapia Ocupacional.

Os estágios supervisionados curriculares são realizados num total de 680 horas, distribuídas nas quatro áreas obrigatórias: Promoção da Saúde; Terapia Ocupacional em Saúde Mental; Terapia Ocupacional em Reabilitação Física; e Terapia Ocupacional no Contexto Hospitalar, e são realizados em: instituições camilianas concedentes; instituições públicas – ligadas ao Sistema Único de Saúde (SUS); e instituições particulares conveniadas.

Os alunos de Terapia Ocupacional do Centro Universitário São Camilo dispõem de centro acadêmico próprio, que inclusive leva meu nome – CAMTO: Centro Acadêmico Marici de Terapia Ocupacional, onde se encontram para planejar suas diversas atividades. Entre as várias atividades de extensão universitária, os alunos participam de: São Camilo em Ação – São Camilo Sem Fronteiras; Viver e Conviver, eventos científicos e cursos de extensão, que são atividades comuns a todos.

As atividades específicas do Curso de Terapia Ocupacional são: Recepção dos Calouros, Semana de Estudos de Terapia Ocupacional, Dia do Terapeuta Ocupacional, Terapia Ocupacional no Sistema Único de Saúde (SUS), Fórum de Saúde Mental, Terapia Ocupacional no Campo Social, Terapia Ocupacional em Contexto Hospitalar.

Como coordenadora do curso por 14 anos, realizava reuniões periódicas com o corpo docente, com o colegiado e com o núcleo docente estruturante, para discussão de questões relativas ao curso e à instituição. Como coordenadora, convidei a Profa. Dra. Celina Camargo Bartalotti, em 1999, para me auxiliar na implantação. Além das disciplinas que ela já ministrava: Fundamentos de Terapia Ocupacional; Referenciais Metodológicos em Terapia Ocupacional; Introdução ao Estudo das Deficiências; e Terapia Ocupacional nas Alterações do Desenvolvimento na Infância; tornou-se coordenadora adjunta do curso de Terapia Ocupacional.

No curso, ministrei as disciplinas: Introdução à Terapia Ocupacional; Terapia Ocupacional em Gerontologia; Referenciais Teórico-Metodológicos em Terapia Ocupacional; e Metodologia Científica em cursos de graduação e pós-graduação *latu e strictu* senso desde 2001. O curso contava com 15 professores de Terapia Ocupacional sendo que alguns, com título de doutor, prestaram concurso em universidades públicas e foram aprovados.

Em relação a estrutura física e apoio acadêmico, o curso sempre pôde contar com os recursos: Clínica Escola, criada em 2002, onde o curso de Terapia Ocupacional sempre teve espaço próprio, composto de consultórios devidamente equipados para atendimento de crianças e adultos, além de espaços destinados ao trabalho relacionado às atividades da vida diária (AVDs) e atividades instrumentais de vida diária (AIVDs). São realizados atendimentos individuais e/ou grupais voltados à população de bebês, crianças, adultos e idosos nas áreas de Neurologia, Ortopedia, Reumatologia, Deficiência Intelectual e Geriatria e Gerontologia. Os alunos estagiam também no Hospital Escola – Hospital Geral de Carapicuíba;

Instituto Brasileiro de Controle do Câncer – IBCC, sempre supervisionados por professores do curso no sentido de melhor vincular teoria a práticas. Ambas instituições são governamentais em parceria com o Centro Universitário São Camilo. O atendimento é totalmente dedicado a usuários do SUS no Hospital Geral de Carapicuíba, onde o curso de Terapia Ocupacional desenvolve estágios supervisionados nos setores de Enfermária e Ambulatório: enfermarias de Pediatria, de Psiquiatria e UTI, infantil e adulto, e Ambulatório de Ortopedia. No IBCC, o atendimento é para usuários com câncer, sendo 70% destinado a pacientes do SUS. Os alunos do sétimo e oitavo semestres realizam estágios supervisionados, com atuação focada em cuidados paliativos, humanização e atendimento a familiares.

Os professores de disciplinas específicas de Terapia Ocupacional formam um grupo coeso e muito integralizado profissionalmente, aos quais aproveito para agradecer pelo seu trabalho, pois são os grandes responsáveis pela qualidade da formação de seus alunos terapeutas ocupacionais.

3.1 Atividades desempenhadas, além da coordenação e das disciplinas ministradas

Membro do Comitê de Ética em Pesquisa desde 2006, recebendo em média cinco a seis projetos para dar parecer por reunião do CoEP; membro credenciado do Banco de Avaliadores MEC – INEP para Avaliação de Cursos de Graduação em Terapia Ocupacional desde 2007; assessora de avaliação da área de Terapia Ocupacional do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE; membro dos conselhos editoriais do periódico *O Mundo da Saúde* desde 2007 e do periódico *Bio Ethikos* desde 2009; responsável pela disciplina Bioética e Reabilitação no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Bioética; membro do Conselho do Programa de Mestrado e Doutorado em Bioética.

Em 2011, a coordenação do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário São Camilo ficou sob a responsabilidade da Profa. Dra. Celina Camargo Bartalotti e eu permaneço no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Bioética do Centro Universitário São Camilo.

Minha trajetória aqui apresentada, compondo a série dos *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, traz a articulação com a chegada da Terapia Ocupacional na cidade de São Paulo.

Referências

- BEAUVOIR, S. *Velhice: a realidade incomoda*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BROMLEY, B. D. *The psychology of human ageing*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1966.
- COGWILL, D. O.; BAULCH, N. The use of leisure time by older people. *Gerontologist*, Washington, v. 2, p. 47-49, 1962. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/2.1.47>
- CRUZ, D. M. C. *Papéis Ocupacionais e Pessoas com Deficiência Física: Independência, Tecnologia Assistiva e Poder Aquisitivo*. 2012. 229 f. Tese (Doutorado em Educação Especial)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- DELARGY, J. The role of the occupation therapist in geriatric medicine. In: KLEINMAN, R. L. *Thought youth to age*. London: World Federation of Occupational Therapists, 1967. p. 263-265.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FERRARI, M. A. C. *Geriatría - Aspectos Educacionais e de Terapia Ocupacional*. 1975. 70 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos Educacionais e de Terapia Ocupacional)-Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.
- FERRARI, M. A. C. *Idade Avançada - Nova Preocupação da Saúde Pública: Contribuição da Educação e da Terapia Ocupacional*. 1981. 130 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública)-Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- FERRARI, M. A. C. et al. *Levantamento de algumas condições de vida da população maior de 60 anos moradora das sedes das Regiões Metropolitanas do Brasil e da Capital Federal*. São Paulo: Sandoz, 1991.
- FILER, R. N.; O'CONNELL, D. D. Motivation of aging persons in an institutional setting. *Journal of Gerontology*, Washington, v. 19, p. 15-22, 1964. <http://dx.doi.org/10.1093/geronj/19.1.15>
- GREENBERF, M. *Modern concepts of communicable disease*. New York: Putnam's, 1953.
- LESER, W. Crescimento da população da cidade de São Paulo entre 1950 e 1970, e seu reflexo nas condições de Saúde Pública. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 27, p. 244-256, 1975.
- MACDONALD, E. M. et al. *Occupational Therapy in Rehabilitation*. London: Bailliere, Tendall and Cassal, 1972.
- MADDOX, G. L. Activity and morale: a longitudinal study of selected elderly subjects. *Social Forces*, Chapel Hill, v. 42, n. 2, p. 195-204, 1963. <http://dx.doi.org/10.1093/sf/42.2.195>
- MIOSHI, E. *Proposta de sistematização de critérios de avaliação e matriz de raciocínio clínico em Terapia Ocupacional*. 2003. 53 f. Dissertação (Mestrado em Ciências)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- NYSTRON, P. E. Activity patterns and leisure concepts among. *American Journal of Occupational Therapy*, New York, v. 28, n. 6, p. 337-345, 1974. PMID:4847455.
- ORONA, C. J. Temporality and identity loss due to Alzheimer's Disease. *Social Science & Medicine*, Oxford, v. 30, n. 11, p. 1247-56, 1990. [http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536\(90\)90265-T](http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536(90)90265-T)
- PALMORE, E. B. The effects of aging on activities and attitudes. *Gerontologist*, Washington, v. 8, n. 4, p. 259-263, 1968. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/8.4.259>
- REILLY, M. Research potentiality of occupational therapy. *American Journal of Occupational Therapy*, New York, v. 14, p. 206-209, 1960. PMID:14437133.